

**JERUSALÉM E SUA RELAÇÃO COM AS  
TRÊS GRANDES RELIGIÕES MONOTEÍSTAS**  
*JERUSALEM AND ITS RELATIONSHIP WITH THE  
THREE GREAT MONOTHEISTIC RELIGIONS*

**Elsbeth Léia Spode Becker<sup>1</sup>**

**RESUMO**

O artigo descreve a cidade santa de Jerusalém na perspectiva de fé para as três grandes religiões monoteístas do mundo: o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo. A metodologia está embasada no estado da arte e na perspectiva da pesquisa qualitativa que relaciona a cultura e a religião como interação entre a interpretação e a experiência na construção da identidade do lugar. Inferiu-se que a história da Cidade Velha de Jerusalém permite fazer uma cronologia e situar a mensagem da Revelação Divina, para as três religiões monoteístas, no tempo e no espaço. O intercâmbio cultural, o “conhecer para compreender”, perfaz as várias formas de leitura do mundo, as quais permitem novos olhares sobre o território e a identidade cultural e social.

**Palavras-chave:** Judaísmo, Cristianismo, Islamismo.

**ABSTRACT**

*The article describes the Holy City of Jerusalem in the perspective of faith for the three great monotheistic religions: Judaism, Christianity and Islam. The methodology is based on the state of the art and in the perspective of qualitative research that relates culture and religion as interaction between the interpretation and the experience in the construction of the identity of the place. It was inferred that the history of the Old City of Jerusalem allows building a chronology and situating the message of Divine Revelation, for the three monotheistic religions, in time and space. The cultural exchange, the “knowing to understand”, makes up the various ways of reading the world, in which allow new perspectives on the territory and the cultural and social identity.*

**Keywords:** *Judaism, Christianity, Islam.*

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta III - Área das Ciências Humanas - Universidade Franciscana. E-mail: elsbeth.geo@gmail.com

## INTRODUÇÃO

O espaço escolar é privilegiado por propiciar aos educandos a oportunidade de refletir sobre o conhecimento historicamente produzido, a identidade cultural e social. Nesse conhecimento se encontram as diferentes tradições e manifestações religiosas presentes na sociedade, as quais merecem ser entendidas nos diferentes segmentos e, nesse sentido, a escola não pode prescindir da sua vocação de instituição aberta ao universo da cultura, aos integrais acontecimentos da ação do homem. Nesse contexto, a experiência religiosa faz parte dos fenômenos humanos, com os fatos e os sinais que a expressam. O fato religioso, como todos os fatos humanos, pertence ao universo da cultura e, portanto, tem uma relevância cultural e cognitiva (COSTELLA, 2004). Nesta perspectiva, a escola é um espaço importante para conhecer e discutir os diferentes aspectos culturais de um mesmo fenômeno, a manifestação da religiosidade.

Jerusalém é uma das cidades mais antiga e espiritual do mundo. Neste artigo, descreve-se o fenômeno religioso da Cidade Velha de Jerusalém e sua referência de fé para as três grandes religiões monoteístas do mundo: o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo. E, nesse sentido, a cidade é um ícone histórico interessante para desenvolver um debate, em sala de aula, sobre a manifestação da religiosidade.

Jerusalém situa-se no Oriente Médio, na região da Palestina, entre o Mar Mediterrâneo e o Mar Morto, no Deserto da Judeia. Atualmente, a Jerusalém moderna circunda a “Cidade Velha” como a Jerusalém antiga é conhecida. Essa, que tem menos de um quilômetro quadrado e se encontra dentro da Jerusalém Oriental é dividida em quatro quarteirões: o judeu, o cristão, o muçulmano e o armênio (figura 1). Nesse cenário urbano, a vida moderna e acelerada convive com as arquiteturas antigas e as culturas tradicionais e parece harmonizar um espaço disputado, no curso da história, pelas animosidades políticas que podem ser tão intensas quanto às religiosas, que lhe são subjacentes e que dividem sua população.

**Figura 1** - A “Cidade Velha” de Jerusalém.



Fonte: MAGNOLI, D. (2008).

Jerusalém é uma cidade de fé e uma referência para as três maiores religiões monoteístas do mundo: o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo. A cidade tem uma história que data de 2.800 a.C. e hospeda os principais pontos da cultura material dessas religiões, entre eles, o Muro das Lamentações, O Santo Sepulcro e o Domo da Rocha (figura 2).

**Figura 2** - Localização dos locais sagrados, o Muro das Lamentações, a Igreja do Santo Sepulcro e o Domo da Rocha, em Jerusalém.



Fonte: Disponível em: <https://bit.ly/3cktZ09>

A importância de Jerusalém para o Judaísmo está relacionado com o contexto histórico quando o rei Davi a conquistou e a transformou na capital do reino unificado de Israel e Judá. Para o Cristianismo, foi em Jerusalém que Jesus sofreu, morreu e ressuscitou. No Islamismo, os muçulmanos acreditam que é a cidade de onde o profeta Maomé ascendeu ao céu.

O objetivo, neste artigo, é descrever a cidade santa de Jerusalém na perspectiva de fé para as três grandes religiões monoteístas do mundo, como forma de leitura de mundo e da diversidade cultural e social dos povos. No processo de apropriação do conhecimento é preciso estabelecer o diálogo entre o sujeito e os saberes do espaço construídos no espaço local e mundial, considerando as emoções e o contexto. Nesse contexto, a educação gera um conhecimento analítico e crítico do saber que se apresenta nos diferentes segmentos escolares, sempre considerando o conhecer científico, histórico, cultural e social. O tema gerado a partir da cidade de Jerusalém pode fomentar interesses e relações com os saberes das ciências humanas como História, Geografia e Ensino Religioso e conduzir a uma reflexão sobre a diversidade sociocultural e a uma reverência aos que compreendem o mundo em suas diversidades históricas, culturais e sociais.

## ESTADO DA ARTE

### JERUSALÉM, A CIDADE VELHA, UM MITO PARA JUDEUS, CRISTÃOS E MUÇULMANOS

A disputada Cidade Velha, dentro de Jerusalém Oriental, está circundada pelas muralhas que, em parte, foram construídas pelos judeus, mas também são um exemplo vivo da arquitetura árabe-islâmica. As principais paredes que ainda cercam a Cidade Velha foram construídas por Solimão, o Magnífico, sultão do Império Otomano, entre 1537-1542, estendendo-se por, aproximadamente, 4 quilômetros de comprimento, com 12 a 15 metros de altura e cerca de 3 metros de espessura (ACHEN, 2010).

O quarteirão muçulmano é o maior e mais populoso e está situado no extremo nordeste da Cidade Velha, estendendo-se desde o Portão dos Leões, ao leste, até o Portão de Damasco, a oeste. Nesse bairro, está localizada a Mesquita da Rocha (figura 3), erigida sobre um rochedo de onde, segundo a tradição islâmica, a alma de Maomé ascendeu ao paraíso.

**Figura 3** - Mesquita da Rocha (Domo da Rocha) na “Cidade Velha” - Jerusalém (Fevereiro 2013).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

O quarteirão cristão está situado no extremo noroeste da Cidade Velha, estendendo-se do portão novo, ao norte, até o Portão de Jafa, a oeste. Ao longo do Portão de Jafa, ao sul, faz divisa com os quarteirões judeu e armênio e continua para o Portão de Damasco, no leste, onde faz fronteira com o bairro muçulmano. No bairro cristão, está localizada a Igreja do Santo Sepulcro (figura 4), construída sobre o lugar onde Cristo teria sido sepultado e, de acordo com a crença cristã, ressuscitou no terceiro dia (ACHEN, 2010).



**Figura 4** - Entrada da Basílica do Santo Sepulcro na “Cidade Velha” - Jerusalém (Fevereiro 2013).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

O quarteirão judeu, localizado no setor sudeste da cidade murada, inclui a área desde o portão de Sião, ao sul, o quarteirão armênio, a oeste, o Cardo, ao norte e estende-se até o Muro das Lamentações, no leste, (figura 5).

**Figura 5** - Muro das Lamentações na “Cidade Velha” - Jerusalém (Fevereiro 2013).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

## **METODOLOGIA**

A metodologia está embasada no estado da arte e na perspectiva da pesquisa qualitativa que relaciona a cultura e a religião como interação entre a interpretação e a experiência na construção da identidade do lugar. A Bíblia é a principal referência bibliográfica. Ela faz menção a inúmeros lugares, fatos, acidentes geográficos, povos, nações e cidades.

A Terra é o palco terreno e humano da Revelação Divina, e a Geografia Bíblica tem por objetivo o conhecimento das diferentes áreas da Terra relacionadas com as Sagradas Escrituras, descrevendo e localizando os relatos sagrados e auxiliando na interpretação e compreensão desses fatos.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

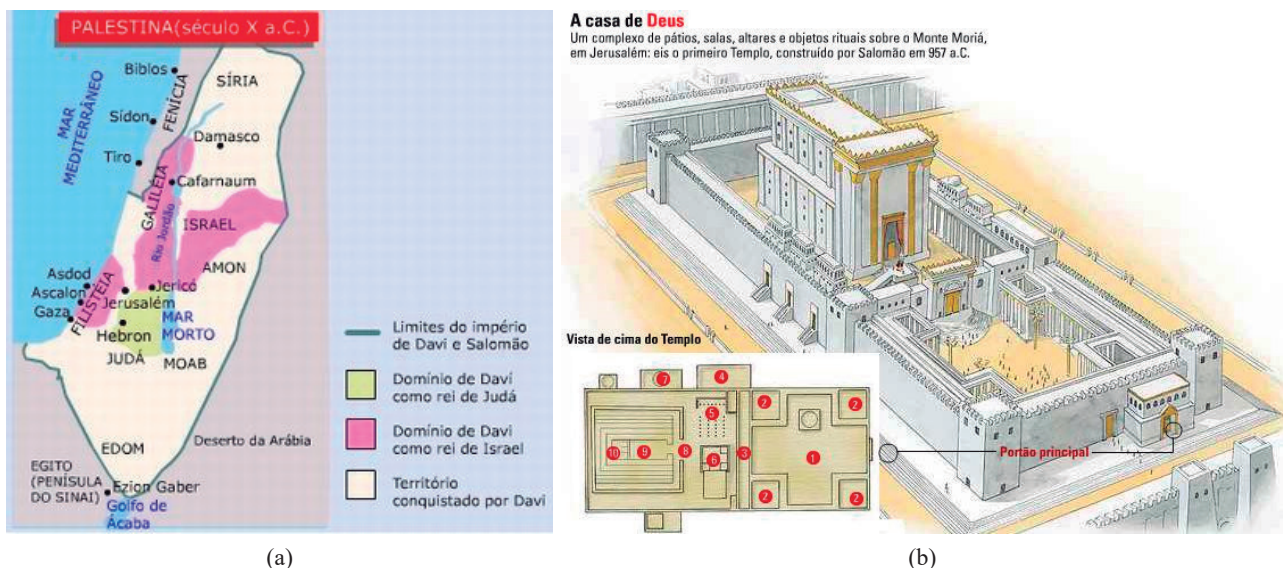
### O MURO DAS LAMENTAÇÕES

Jerusalém ocupa um lugar no coração dos judeus, e, especialmente, para aqueles que praticam, também, a religião judaica, o Muro das Lamentações representa um patrimônio da cultura, da história e da memória do povo judeu.

O muro original integra a parte antiga da cidade de Jerusalém e, tradicionalmente, os judeus, procuram rezar três vezes ao dia, próximos ao muro, em rituais específicos e, entre as orações e os pedidos, está à restituição integral de Jerusalém como capital de Israel e a unificação do Reinado de Davi.

Essa crença está ancorada na história do povo judeu e de seu grande Rei Davi que viveu por volta do ano 1.000 a.C. e constituiu um glorioso reinado de conquistas territoriais na região da Palestina, unificando vários povos na formação do Reino de Israel (figura 6a). Seu filho, o Rei Salomão, o sucedeu e seu reinado foi um período extremamente próspero para a nação e para a edificação de grandes obras, entre elas, o Templo de Salomão ou a Casa de Deus para guardar a Aliança de Deus (figura 6b).

**Figura 6** - Mapa da Palestina e da formação do Reino de Israel, pelas conquistas do Rei Davi, por volta do ano 1.000 a.C. (figura 6a); Maquete do Templo de Salomão (figura 6b).



Fonte: Sociedades Bíblicas Unidas (1995).

O Rei Davi adquiriu o Monte Moriá, uma colina rochosa, para a construção da Casa de Deus e, assim, guardar apropriadamente a Arca da Aliança de Deus para com seu povo. Essa aliança significou a libertação do povo judeu da escravidão egípcia e permitiu que Moisés o trouxesse de volta do exílio até a Terra Prometida, a Terra de Canaã. Essa terra era dos patriarcas de Israel, entre eles, Abraão. O Monte Moriá, segundo a tradição judaica, foi o local onde Abraão teria obedecido a Deus

e oferecido, em sacrifício, seu filho Isaque (Gênesis 22:2). A rocha desse sacrifício é considerada a Pedra Fundamental da descendência da nação judaica (Gênesis 22:17).

Durante o seu reinado, o Rei Davi expandiu o Reino de Israel por toda a Palestina (figura 4a) e adquiriu grande riqueza (2 Samuel 24:24; 1 Crônicas 21:24), mas não chegou a iniciar a construção do Templo (figura 4b), que foi construído pelo Rei Salomão, no quarto ano de seu reinado, por volta de 957 a.C., seguindo o plano arquitetônico transmitido por Davi, seu pai e antecessor (1 Reis 6:1; 1 Crônicas 28:11-19).

Os materiais aplicados na construção vieram de todas as redondezas e eram essencialmente a pedra e a madeira. Os pisos foram revestidos de madeira, preferencialmente, o cipreste, e as paredes interiores eram de cedro entalhado com figuras de querubins, palmeiras e flores. O teto foi inteiramente revestido de ouro (1 Reis 6:15, 18, 21, 22, 29).

Após o reinado de Salomão, ocorrem rebeliões entre os povos conquistados e isso enfraquece o Reino de Israel que, por volta do ano de 584 a.C., é dominado pelos babilônios. Após dois anos de cerco, em 586 a.C. Jerusalém, é rendida e saqueada, e o Templo de Salomão é destruído pelo Rei Nabucodonosor II, da Babilônia.

Mais tarde, quando o Rei Ciro da Pérsia expande seu reinado territorial e conquista a Babilônia, por volta de 539 a. C., o líder israelita, Zorobabel, liderou o povo judeu, que se encontrava no cativeiro da Babilônia e o reconduziu à Terra Prometida. Ao estabelecer-se em Jerusalém, Zorobabel trabalha pela reconstrução do Templo de Jerusalém e termina em torno do ano de 515 a.C. O Rei Ciro da Pérsia ordena a devolução de inúmeros objetos pertencentes ao Templo de Salomão e saqueados por Nabucodonosor II, como também envia ouro e prata para a reconstrução (Esdras 5:1; 6:1-12). Pouco se sabe sobre o projeto arquitetônico deste segundo templo. O decreto de Ciro autorizava a construção de certa estrutura com pedras e madeiramento, sem declarar pormenores (Esdras 6:3,4).

Com a expansão do império romano, o Oriente Médio ficará sob o domínio dos imperadores romanos que se aliam aos reis locais, subjulgando, porém, o povo e cobrando altos impostos. Assim, durante o reinado de Herodes, Rei da Judeia, por volta do ano 37 a.C., a região da Palestina estará sob o domínio da expansão do grande império romano. Para melhor administrar os territórios ocupados, o Imperador Romano, Augusto, construiu estradas para integrar todo o Império. Esse período ficou conhecido com a máxima “todos os caminhos levam a Roma”. Nesta época, a região da Palestina era habitada pelos descendentes dos filisteus, por diferentes tribos árabes e por judeus. Essas diferentes regiões eram divididas em províncias e denominadas de Galileia, Samaria, Judeia, Induméia, Pereia; Decápole e Traconítide. Todas, em torno do Rio Jordão, constituíam os domínios de Herodes, o Grande, que governou a Palestina de 37 a. C. até o ano 4 a C., aproximadamente, e foi chamado, pelo senado romano, de o Rei da Judeia (WILGES, 1982).

Herodes, o Grande, ficou conhecido pela pompa. O desejo de ver o seu nome imortalizado, e, ao mesmo tempo, a necessidade de apaziguar uma população hostil (das províncias da Palestina),

dando-lhe trabalho, fizeram com que investisse na construção de grandes obras de embelezamento de Jerusalém. Assim, a cidade passou a ser transformada por novas edificações como um suntuoso palácio, a Noroeste da Cidade Alta (o Palácio de Herodes), a ampliação e revitalização do Templo de Salomão, a construção da Fortaleza de Antônia e de novas muralhas, entre elas, o Muro de Jerusalém, especialmente ampliando as laterais do Monte Moriá para a proteção do Templo de Salomão.

Durante a grande revolta dos judeus contra a ocupação romana, nos anos 68-70, os judeus utilizaram a área do Templo de Salomão como cidadela, ou fortaleza, e resistiram, durante o cerco romano contra Jerusalém, até a destruição do Templo, pelo fogo, cumprindo assim as palavras de Jesus referentes aos prédios do templo “de modo algum ficará aqui pedra sobre pedra sem ser derrubada” (Mateus 24:2). Ao debelar a revolta, o general (mais tarde imperador) Tito arrasou o Templo de Jerusalém, do qual restou apenas o Muro das Lamentações.

Após essa revolta, nos anos de 68-70, desapareceu qualquer resquício de autonomia concedido pelo Império Romano. Todos os territórios da Palestina constituíram a província romana da Judeia, administrada por “procuradores” designados pelo Imperador Romano. Na nova revolta dos judeus, de 132-135, o imperador Adriano intensificou a destruição de Jerusalém e da Judeia e potencializou a diáspora, proibindo os judeus de viver em Jerusalém. A partir de então, os israelitas espalharam-se pelo Império Romano; alguns grupos emigraram para a Mesopotâmia e outros pontos do Oriente Médio fora do poder de Roma.

Assim, após a conquista romana da Judeia, a região tornou-se uma província do Império Romano e, posteriormente, do Império Cristão. A partir de então, a região passou a ser habitada por populações helenísticas romanizadas; e, em 395, quando houve a divisão do Império Romano, tornou-se uma província do Império Romano do Oriente (ou Império Bizantino). Foi brevemente conquistada pelo Império Persa, de 614 até 628 e, com a expansão do Império Árabe-Muçulmano, iniciada logo após a morte do profeta Maomé (570-632), a região foi conquistada pelos árabes, no contexto da expansão do islamismo, passando a fazer parte do mundo árabe. Essa situação política oscilou ao sabor das constantes lutas entre governos muçulmanos rivais e chegou-se, até mesmo, a constituir um Estado cristão fundado pelos Cruzados (1099-1187). Nessa época, Jerusalém serviu como um posto militar da Europa Cristã por, aproximadamente, cem anos, no qual os Cruzados massacraram a maior parte dos habitantes muçulmanos e alguns remanescentes dos judeus. Em 1187, Jerusalém foi novamente devastada, e os Cruzados foram derrotados por Saladino, que liderou a oposição islâmica aos Cruzados e permitiu a volta dos muçulmanos e dos judeus, mas empreendeu perseguição aos cristãos. Entre 1250 e 1517, Jerusalém foi sitiada pelos mamelucos, uma espécie de servidores dos califas muçulmanos. Finalmente, de 1517 a 1918, a Palestina foi incorporada ao imenso Império Turco-Otomano. Com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a derrocada do Império Turco-Otomano, a região da Palestina pertenceu ao Mandato Britânico de Palestina. Em 1917, após a Batalha de Jerusalém, o exército britânico capturou a cidade e, em 1922, a Liga das Nações determinou o Mandato Britânico



da Palestina que perdurou até 1947, quando do Plano de Partilha das Nações Unidas recomendou “a criação de um regime internacional, em especial, na cidade de Jerusalém” (WILGES, 1982).

Nesse contexto, denota-se que há uma forte referência de história, de cultura, de religião, de identidade e de política no Muro das Lamentações para o povo judeu e é o mais sagrado ponto religioso judaico na Cidade Velha de Jerusalém (figura 1). Ele recebeu esse nome porque, desde a destruição do Templo de Salomão, os judeus se reúnem no muro para lamentarem a perda do Templo Sagrado. O muro é parte de uma estrutura de retenção que incluía a parte ocidental do Monte Moriá, aonde se encontrava o Templo de Jerusalém e para onde os judeus dirigem o seu olhar e oram, voltados para a Pedra Fundamental, atual Cúpula da Rocha.

### A MESQUITA DA ROCHA, A CÚPULA DA ROCHA OU O DOMO DA ROCHA

A Cúpula da Rocha ou o Domo da Rocha ou a Mesquita da Rocha é um dos pontos mais vistosos e emblemáticos na Cidade Velha de Jerusalém (figura 3). É um santuário de contemplação para os islâmicos, construído no Monte Moriá, entre 691 e 692, tornando-se a mais antiga mesquita islâmica existente no mundo e uma obra de referência para a arquitetura islâmica.

O califa, Omíada Abd al-Malik Ibn Marwan, que iniciou a construção da cúpula esperava que ela se tornasse “o abrigo dos muçulmanos do frio e do calor” (ACHEN, 2010, p. 19). Acredita-se que ele pretendia criar uma arquitetura que competisse com os edifícios existentes de outras religiões na Cidade Velha. As paredes laterais são feitas de porcelana, refletem o *design* octogonal e medem, aproximadamente, 18 metros de altura e 11 metros de largura. A cúpula e as paredes contêm inúmeras janelas com vitrais coloridos.

Durante o reinado de Solimão, o Magnífico, sultão do Império Otomano, por volta do ano 1530, o exterior da Cúpula foi coberto com azulejos Iznik. Solimão era adepto do humanismo renascentista e considerado um governante justo e íntegro, amante da poesia e da filosofia. Foi perspicaz na política e tornou seu Império um dos mais influentes da época.

Em 1955, o governo da Jordânia reuniu vários governantes árabes e da Turquia para iniciar um minucioso trabalho de restauração da Cúpula da Rocha, e a arquitetura da mesquita recebeu ligas duráveis de alumínio e de bronze, feitas na Itália, concluída em 1964. Os azulejos originais de Abd al-Malik foram substituídos por azulejos feitos por artesãos armênios. Mais tarde, em 1998, novamente o Rei Hussein da Jordânia, investe numa doação para financiar a restauração da cúpula dourada que necessitou de 80 quilos de ouro. A cúpula dourada é a imagem que caracteriza a Cúpula da Rocha e tornou-se a evidência turística da Cidade Velha de Jerusalém (figura 1).

A Cúpula da Rocha é um dos locais mais sagrados, depois de Meca e de Medina. Na tradição islâmica, sua significação deriva de uma crença religiosa envolvendo a rocha e seu cerne, local de onde Maomé subiu ao céu.

Essa mesma rocha é, também, considerada sagrada para os judeus que rezam no Muro das Lamentações, voltados para a Pedra Fundamental que, de acordo com a tradição judaica, é o local onde Abraão se preparou para sacrificar seu filho Isaque (Gênesis 22:2).

## A IGREJA DO SANTO SEPULCRO OU IGREJA DA RESSURREIÇÃO

A Igreja do Santo Sepulcro ou a Igreja da Ressurreição é uma igreja cristã localizada na porção murada da Cidade Velha. É considerado o local cristão mais sagrado em Jerusalém, contém a Capela do Gólgota e três estações da Cruz, bem como o local do sepultamento e da ressurreição de Jesus.

A Igreja do Santo Sepulcro foi construída pelo imperador romano, Constantino I, durante o século IV, depois que ele se converteu ao cristianismo e fez desta a religião oficial do Império Romano. Helena, a mãe de Constantino empenhou-se em achar o local da crucificação e do túmulo de Jesus sobre os quais foi construída a Igreja.

A colina do Gólgota é o local onde Jesus foi crucificado e morto, situa-se dentro da estrutura da Igreja e, para ver o local da crucificação, sobe-se uma escadaria de 4,5 metros. Quando a Igreja foi construída, 300 anos mais tarde, Constantino mandou remover a colina ao redor do túmulo, a fim de que somente uma pequena porção do Gólgota permanecesse em uma superfície plana.

É o local mais comovente para os cristãos. Debaixo do altar, a rocha pode ser vista por ambos os lados (figura 7a). Abaixo do altar, há um buraco (de aproximadamente 12 centímetros de diâmetro), que é considerado o local onde a cruz foi levantada (figura 7b). Através de um vidro, pode-se ver, também, a rocha fendida pelo terremoto e, tradicionalmente, é atribuída ao tremor ocorrido quando Jesus morreu na cruz (Mateus 27:51) (figura 8a e b). Entretanto, apesar do consenso entre os historiadores, como sendo este o local da crucificação, geólogos mais críticos consideram a rachadura como uma falha natural da rocha. Ao descer, vê-se o local onde o corpo de Jesus foi preparado para a sepultura por José de Arimateia (Mateus 27: 59). E, mais adiante, o local do enterro, o Santo Sepulcro, para onde José de Arimateia levou o corpo e colocou no túmulo doado por ele.

Quando houve a ocupação persa de Jerusalém, no ano de 614 até 628, a maior parte da Igreja foi arruinada pelo fogo que atingiu Jerusalém. Com a expansão do Império Árabe-Muçulmano, a Igreja foi reconstruída e mantida como cristã. Os primeiros governantes muçulmanos protegeram os locais cristãos e proibiram seu uso para alojamentos ou outros fins. No entanto, em 1009, a Igreja do Santo Sepulcro foi totalmente destruída pelo califa Al-Hakim Bi-Amur Allah, que considerava exagerada a celebração anual do milagre do Fogo Sagrado. Em 1027, os muçulmanos e os bizantinos entraram em acordo, e o novo califa dos muçulmanos permitiu a reconstrução e a rededicação da Igreja. Atualmente, as igrejas ortodoxa, católica romana e a armênia têm direitos sobre o interior da tumba e as três comunidades celebram suas liturgias diariamente (WILGES, 1982).

**Figura 7** - A colina do Gólgota e o altar (7a) e o peregrino com a mão na fenda onde a cruz foi colocada (7b).



(a)

(b)

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

**Figura 8** - A colina do Gólgota e a fenda do terremoto (8a) e a rocha da colina abaixo do altar (8b).



(a)

(b)

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

O conhecimento sobre as manifestações históricas das religiões e da cultura nas diferentes sociedades proporciona a compreensão do sujeito em relação ao outro, no sentido de orientá-lo eticamente em sua postura diante da vida, do outro e do Transcendente. Propiciar na sala de aula a oportunidade de discussão e reflexão sobre a identificação, o entendimento, o conhecimento e a aprendizagem em relação às diferentes manifestações do sagrado na sociedade, favorecerá o respeito e reconhecimento à diversidade cultural, repudiando o preconceito e discriminações diante das especificidades de diferentes expressões cultural-religiosas.

## CONCLUSÃO

Jerusalém é uma cidade de fé e uma referência sagrada para as três maiores religiões mono-teístas do mundo: o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo. A cidade tem uma história que data de 2.800 a.C. e, atualmente, a “Cidade Velha”, como a Jerusalém antiga é conhecida, é circundada pela Jerusalém moderna.

Nesse cenário urbano, a vida moderna e acelerada convive com as arquiteturas antigas e as culturas tradicionais e parece harmonizar um espaço disputado, no curso da história, pelas animosidades

políticas que podem ser tão intensas quanto às religiosas, que lhe são subjacentes e que dividem sua população. A Cidade Velha é dividida em quatro quarteirões: o judeu, o cristão, o muçulmano e o armênio e hospeda os principais pontos da cultura material das três grandes religiões monoteístas, entre eles, o Muro das Lamentações, O Santo Sepulcro e o Domo da Rocha.

Jerusalém, a Terra Santa, faz parte da consciência religiosa de uma numerosa população distribuída no mundo inteiro. Para os judeus, é considerada, pelo Antigo Testamento, a promessa divina de Deus para com seu povo e denota-se que há uma forte referência de história, de cultura, de religião, de identidade e de política no Muro das Lamentações. Para o povo judeu, o Muro, é o mais sagrado ponto religioso na Cidade Velha de Jerusalém, uma construção remanescente do Templo Sagrado, cuja construção foi iniciada pelo Rei Davi e consolidada pelo seu filho, o Rei Salomão e, durante a ocupação romana foi, finalmente, destruído pelo general que, mais tarde, se tornaria imperador, Tito.

Para os cristãos, Jerusalém tem muita relevância porque, segundo o Novo Testamento, é o local do mistério de Deus, a ressurreição. A vida de Jesus na Terra manifestou-se em Belém, Nazaré, no entorno da Mar da Galileia e, finalmente, em Jerusalém, local de sua morte na cruz no Monte Gólgota, onde, hoje, se encontra a Igreja do Santo Sepulcro ou a Igreja da Ressurreição. É, portanto, uma igreja cristã localizada na porção murada da Cidade Velha. É considerado o local cristão mais sagrado em Jerusalém, contém a Capela do Gólgota e três estações da Cruz, bem como o local do sepultamento e da ressurreição de Jesus.

Para os islâmicos, Jerusalém é sagrada porque ali o profeta Maomé subiu ao céu. No local da ascensão foi construída uma mesquita, um dos locais mais sagrados, depois de Meca e de Medina. A cúpula dourada da mesquita é a imagem que caracteriza a Cúpula da Rocha e se tornou uma evidência turística da Cidade Velha de Jerusalém, pela grande beleza. No entanto, na tradição islâmica, a significação dada a Cúpula da Rocha deriva de uma crença religiosa envolvendo a rocha e seu cerne, local de onde Maomé subiu ao céu. Cabe destacar que, essa mesma rocha é, também, considerada sagrada para os judeus que rezam no Muro das Lamentações, voltados para a Pedra Fundamental que, de acordo com a tradição judaica, é o local onde Abraão se preparou para sacrificar seu filho Isaque.

Jerusalém é uma cidade de história e de cultura territorializada por conflitos que permearam toda a sua existência, impulsionados por questões geopolíticas e religiosas. Jerusalém, também, é um território que abriga a paz, manifestada pela população nativa e, também, pelos milhares de peregrinos e turistas que buscam referências existenciais na pluralidade exalada em Jerusalém.

Esta pluralidade em nossas sociedades garante uma interação harmoniosa quando impulsionada pela vontade do conviver das pessoas, acolhendo a inter-relação com as diferenças de forma dinâmica, formando uma única totalidade social, a humana. Portanto, as políticas que favorecem a inclusão e a participação de todos são vitais para a construção da paz entre as nações e no interior destas. O intercâmbio cultural, o “conhecer para compreender”, perfaz as várias formas de leitura do mundo, as quais permitem novos olhares sobre o espaço ocupado e a existência, de forma geral.



A inclusão e a participação de todos, também, perpassa pelo conhecimento e o espaço no “chão da escola” é pródigo para “semear” e proporcionar a oportunidade de refletir sobre a história vivida e produzida pela humanidade. Nesse conhecimento se encontram as diferentes tradições e manifestações religiosas presentes na sociedade, as quais merecem ser entendidas nos diferentes segmentos e, nesse sentido, a interlocução escolar é um espaço aberto ao universo da percepção humana e ao engendramento da cultura da paz.

## REFERÊNCIAS

ACHEN, Dom. **A Terra Santa de Jesus**. Jerusalém: Doko Media Ltd. 2010.

BÍBLIA. 1993. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. 2. ed. ver. e atual no Brasil. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BÍBLIA. 1995. **Bíblia Sagrada**: com enciclopédia bíblica ilustrada. São Paulo: Sociedades Bíblicas Unidas, 1995.

COSTELLA, Domênico. **O fundamento epistemológico do ensino religioso**. In: JUNQUEIRA, Sérgio; WAGNER, Raul (org) *O ensino religioso no Brasil*. Curitiba: Champagnat, 2004.

MAGNOLI, Demétrio. **O mundo contemporâneo**. São Paulo: Atual. 2008.

WILGES, Irineu. **Cultura religiosa**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1982.

